



FOTOGRAFIAS DE MULHERES: PERCEPÇÃO DE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (UBIRATÃ – DÉCADA DE 1960)

Andrea Marcia de Souza (Acadêmica de História/PIC/Fundação Araucária/FECILCAM/
andria_alicia@hotmail.com)

Claudia Priori (Orientadora/FECILCAM/claudiapriori@bol.com.br)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo discutir a participação feminina no contexto de colonização do município de Ubatuba-Pr, na década de 1960, via análise de fotografias de mulheres percebendo os papéis desempenhados por elas no referido período, formas de atuação e práticas sociais. A imagem fotográfica permite armazenamento e visualização de traços de uma determinada época, se constituindo em um instrumento importante de investigação histórica. Através da análise fotográfica podemos abordar de forma específica a construção da imagem feminina no recorte temporal proposto, buscando compreender como as mulheres foram retratadas, quais aspectos socioculturais são destacados nas fotografias, quais representações sociais e estereótipos do feminino são evidenciados e identificados no uso das imagens.

Palavras-chave: Fotografias. Mulheres. História.

1 INTRODUÇÃO

A proposta central desta comunicação é fazer uma discussão em torno da análise imagética de mulheres fotografadas na década de 1960, período de colonização e consolidação do município de Ubatuba-Pr¹. A partir desse contexto, nosso objeto de estudo aborda o uso de imagens, através da análise de fotografias coletadas, buscando recuperar as práticas femininas e suas representações sociais. Percebemos em nosso recorte temporal – através do prévio levantamento e seleção de fontes (fotografias) - uma escassez numérica no que se refere à presença de mulheres nas imagens, mas por outro lado, nas quais elas aparecem, é significativa a expressão feminina, trazendo traços, elementos socioculturais que nos permitem uma análise qualitativa da atuação, práticas e representações sociais.

A década de 1960 é muito significativa para a crescente inserção social das mulheres, quanto para a produção bibliográfica da história das mulheres. Essa década marca o início de um novo perfil das mulheres, aquelas que trabalham fora de casa em serviços antes realizados apenas por homens; mulheres que vão à universidade; que rompem com os padrões tradicionais para assumir sua independência econômica e liberdade, além disso, é momento de várias reivindicações como a liberdade feminina, maior inserção social e participação política influenciada pela atuação dos movimentos feministas. É o momento em que as mulheres começam adquirir maior visibilidade no espaço social, na

¹Esta comunicação é fruto dos resultados parciais do projeto de pesquisa em desenvolvimento, vinculado ao Programa de Iniciação Científica, da Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão/FECILCAM, com apoio financeiro da Fundação Araucária.



vida pública, na academia, no mercado de trabalho, enfim, na esfera pública, dantes apanágio dos homens.

Nesse contexto, a imagem se constitui em um elemento fundamental, porque a fotografia registra as conquistas femininas e ajuda a construir, escrever uma história em que as mulheres são sujeitos ativos, partícipes e agentes sociais. As imagens registradas, as fotografias, contribuem para retratar a história das mulheres que derrubaram tabus, que romperam com o tradicionalismo de uma sociedade voltada aos homens, e com isso foram conquistando seu espaço e seus direitos como cidadãs.

2 FOTOGRAFIA E HISTÓRIA

Sendo assim, nosso propósito é identificar as práticas, papéis e lugares que as mulheres ocupavam na década de 1960 na sociedade de Ubiratã, contextualizando a produção de imagens e representações sociais; percebendo quais mulheres foram retratadas, bem como analisar os aspectos socioculturais explícitos e implícitos nas fotografias de mulheres do período estudado.

Ao se trabalhar com fontes imagéticas é preciso levar em consideração o fato de que a imagem sempre apresenta mensagens ideológicas e históricas de uma determinada época, revelando valores, conceitos e conflitos. A análise imagética possibilita identificar os sujeitos históricos, as ações dos indivíduos, os aspectos socioculturais e o cotidiano. Entretanto, a imagem é uma produção do olhar e interesse de quem a produziu ou a encomendou, constituindo assim uma forma de fixar a realidade no momento em que a fotografia foi produzida, com base naqueles interesses. Desse modo, é necessário procedermos à crítica das fontes, contextualizando sua produção e seus enfoques. Mas, mesmo que manipulada ao interesse do autor, as imagens nos demonstram traços, detalhes, indícios da época na qual foi produzida.

A imagem fotográfica apresenta relevância por nos permitir possibilidades de perceber marcas culturais de uma determinada época, não apenas pelo passado ao qual se refere, mas pelo universo que traz à tona. Em um sentido individual, a fotografia, envolve uma escolha a ser realizada; em um sentido coletivo, remete o indivíduo a sua época, isto é, as imagens carregam em si uma vontade de comunicar, como salienta (GARZIA, 2011). Dessa forma, ao constituírem um tipo de linguagem, elas comportam uma dimensão simbólica, carregada de significados cujo alcance se encontra além do representado. As imagens, ao serem tomadas como traços do passado, surgem então como evidências históricas capazes de proporcionar interpretações novas.

A imagem é produto de certas influências e deve ser estudada junto com a realidade social. Ao analisarmos uma imagem, podemos compreender os elementos implícitos e/ou explícitos e utilizá-la como documento histórico, como portadora de significados. Assim,



torna-se importante pensar o papel do espectador e sua relação com a imagem, pois as imagens são feitas para serem vistas pelo espectador e este ao olhar a imagem é um parceiro ativo da mesma, ao reconhecer no que observa alguma coisa que se identifica com o que se vê ou se pode ver no real.

3 UBI RATÃ, UM POU CO DE SUA HISTÓRIA

O nome da cidade de Ubiratã é de origem tupi-guarani significando madeira dura. Antes disso denominava-se Gleba Rio Verde, a qual foi adquirida em 1954, pela Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (SINOP), que executou o trabalho de colonização das terras.

No dia 19 de fevereiro de 1956 foi lançada a pedra fundamental da "Vila Ubiratã" e assim a SINOP, começou o trabalho de loteamento de terras de sua propriedade no Vale do Rio Piquiri, região atual onde se encontra o município de Ubiratã. Em seguida, a SINOP planejou todo o perímetro urbano e a partir daí se iniciou o processo de venda dos lotes, tanto rurais, quanto também os urbanos. A cada dia o fluxo migratório para a região aumentava gradativamente, devido à fertilidade do solo e o clima favorável.

De acordo com a Lei Estadual n.º 3344/57, de 20 de setembro de 1957, Ubiratã passou a ser reconhecido como Distrito Administrativo e Judiciário, no governo de Moisés Lupion, bem como de demais representantes estaduais que incentivavam o desenvolvimento da região. Em 25 de julho de 1960, Ubiratã finalmente chegava à categoria de município e, no mês seguinte, por meio de votação realizada no Diretório do PSD, foi eleito o primeiro prefeito interino do município. Em 04 de novembro de 1961, Ubiratã conquista a sua emancipação político-administrativa.

A expansão da cidade foi ocorrendo gradativamente a partir da década de 1960, ocorrendo a criação do Colégio Santo Antônio e a vinda da Alemanha, das Irmãs do Santo Nome de Maria, para iniciar as atividades na escola. Com isso, as irmãs Johanita, Maria Editha e Maria Cervatina, iniciaram sua tarefa de educar as crianças, filhos e filhas dos primeiros habitantes. A irmã Maria Johanita dedicava-se à catequese e a irmã Maria Editha à tarefa de dirigir as tarefas escolares. Porém, as irmãs não poderiam assumir o cargo de diretora, pois de origem alemã faltava também o atestado de naturalização brasileira. Em 1961, ampliou-se a pequena escola para 10 salas de aula, que atendia do pré-primário até a última série do antigo primeiro grau.

Ainda em 1961, ocorreram novas disputas eleitorais tendo como candidato a prefeito, Alberoni Bittencourt, e na sua campanha política, as mulheres tiveram grande atuação como cabos eleitorais, ou melhor, como cabides eleitorais como veremos adiante. Nos anos que se seguiram, houve a construção e efetivação do fórum da Comarca de Ubiratã e na próxima gestão municipal outras obras públicas foram construídas, tais como o prédio da prefeitura e a ponte do Rio Piquiri.



Enquanto a cidade de Ubitatã desenvolvia-se na década de 1960, o Paraná e o Brasil passavam por diversas transformações, sendo que em 1968 é instituído o AI-5, ato do governo que limitava o direito político e reforçava a ditadura no país. Já a década de 1970 marcou Ubitatã por três acontecimentos: a concretização do projeto de colonização da SINOP, a conquista da BR-369, e a criação da Cooperativa Agropecuária União Ltda (COAGRU).

No contexto da consolidação do município de Ubitatã na década de 1980, há o destaque do projeto pós-Sinop e a afirmação do agronegócio, que acarretaram na intensificação da mecanização agrícola, e na substituição do cultivo de algodão para o de soja, que a partir da década seguinte resultou em uma produção mais sólida economicamente. Em consequência das mudanças na estrutura econômica agrícola, houve o êxodo rural, aumentando a população urbana, já que as máquinas passaram a substituir a mão-de obra no campo; ocorreu também nesse período a emigração para fora do país, percebe-se um grande número de pessoas que saíram da cidade para morarem no Japão.

A história do município de Ubitatã se confunde com as ações e ideais dos primeiros habitantes, homens e mulheres, e também do projeto de expansão da SINOP. Assim, verificamos que história e expansão desse município se fizeram com a presença de inúmeras pessoas, e muitas dessas não estão diretamente ligadas ao contexto estudado, pois nosso objetivo é verificar o papel desempenhado pelas mulheres, seja na campanha política de Alberoni, seja como acompanhantes de seus maridos.

4 AS MULHERES NA HISTÓRIA DE UBIRATÃ

No que tange à história das mulheres e aos estudos de gênero, nossa pesquisa pretende trazer contribuições para os estudos históricos aliando imagem e história, ou seja, através da análise imagética buscamos a presença e participação ativa das mulheres no processo histórico, recuperando práticas sociais e também como essas mulheres são vistas pela sociedade, isto é, suas representações.

A historiadora Joan Scott (1992) relata em seus estudos que nas duas últimas décadas do século XX, principalmente nos Estados Unidos, a história das mulheres alcançou uma maior visibilidade através de documentos publicados e conferências internacionais. Esse campo de estudo passou por uma série de mudanças no decorrer do tempo o que propiciou avanços significativos na perspectiva historiográfica, especialmente a partir do fim da década de 1970 e início dos anos 1980 com a adoção da categoria gênero como uma categoria de análise histórica.

Para a autora, as historiadoras procuravam alçar as mulheres enquanto objeto de estudo, resgatando a participação delas no processo histórico e sua inserção no campo historiográfico. Além disso, atentava-se para a ação social, as experiências e práticas



femininas no profissionalismo, na política, na construção da história que por séculos foi caracterizada pela presença do homem branco e ocidental com sua suposta supremacia. Portanto, inúmeras dificuldades cercavam a história das mulheres, pois para que elas mesmas relatassem no meio acadêmico suas vivências e atuações no processo histórico foi necessário buscar “estratégias” para essa inserção.

Ao defender novos cursos sobre as mulheres, diante um comitê curricular universitário em 1975, argumentei como exemplo que a história das mulheres era uma área recente de pesquisa, assim como os estudos da região ou das relações internacionais. Em parte, esse foi um artifício tático (uma jogada política) que tentava, em um contexto específico, separar os estudos das mulheres daqueles intimamente associados ao movimento feminista. Em parte, resultou da crença de que o acúmulo de bastante informação sobre as mulheres no passado, inevitavelmente atingiria sua integração na história padrão. (SCOTT, 1992, p.81).

Nesse período, a história das mulheres deu um grande passo, e reafirmou a “mulher” como sujeito ativo, participante e portadora de uma história, apontando um modo de pensar que possibilitasse e solucionasse os questionamentos sobre as diferenças existentes entre os indivíduos e diversos grupos sociais percebendo a relação entre eles.

Conforme nos aponta SOIHET (1997) a categoria de gênero tem sido utilizada para teorizar a questão da diferença sexual. A apropriação do gênero passou a ser desenvolvida como categoria de análise nos estudos históricos, contribuindo para a compreensão das relações de gênero, sublinhando o aspecto relacional entre as mulheres e os homens.

Nesse sentido, a preocupação é analisar a complexidade das relações de gênero, suas construções e reproduções sociais que envolvem poder, política, cultura, diferenças socioculturais e também articular o gênero com outras categorias como raça, classe ou etnia.

Para Scott (1992), o gênero pode ser visto de duas formas: como algo meramente descritivo, como um conceito associado ao estudo das coisas relativas às mulheres, e pode também ser estudado como uma categoria analítica ao abordar as relações existentes entre os gêneros. Essa segunda forma é a que mais contribui para os estudos de gênero, pois amplia a perspectiva histórica, aprofunda as discussões e permite analisar de modo mais rigoroso o processo de como ocorre a construção e reprodução da invisibilidade da mulher no processo de produção do conhecimento histórico.

Assim, a categoria gênero enquanto perspectiva de análise histórica possibilita a abertura de um leque de possibilidades para a inserção e recuperação das mulheres como sujeitos históricos, e também no discurso historiográfico.

Segundo Margareth Rago, os estudos relacionados à história das mulheres ganharam especial relevância nas últimas décadas, e isso se justifica pelo fato de que por



grande período da história, as mulheres terem sido esquecidas do discurso e da produção historiográfica. Para a autora,

[...] as transformações na historiografia, articuladas à explosão do feminismo, a partir de fins da década de 1960, tiveram papel decisivo no processo em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História, marcando a emergência da História das Mulheres. (RAGO, 2007, p.91)

Atualmente, com as mulheres se destacando em várias esferas da sociedade em âmbito mundial, aguçou o interesse para os estudos de gênero, contribuindo assim para uma maior quantidade no número de trabalhos e fontes no campo historiográfico. Diante disso, nosso objeto de estudo pretende trazer contribuições para um campo de pesquisa que tem se consolidado nas últimas décadas, mas que ainda possui algumas temáticas que carecem de discussão e análise.

5 FOTOGRAFIAS DE MULHERES: CONTEXTO E ANÁLISE

Os procedimentos metodológicos adotados na investigação compreendem algumas etapas. Primeiro realizamos a coleta de fotografias do município de Ubitatã-Pr, desde a década de 1950 até os dias atuais, totalizando 647 imagens. Esse arsenal de fontes foi conseguido no arquivo digital da Biblioteca Municipal Cecília Meireles, com o propósito de obtermos um contato maior com o todo da história do município.

Em seguida, elaboramos a identificação das fotografias, contando com a colaboração de moradores da cidade, que inclusive apareciam na maioria das imagens. Nessa etapa entrevistamos o morador Vilder Bordin que alega ser o proprietário do acervo original das fotos cedidas/doadas à Biblioteca Municipal. Algumas outras imagens foram catalogadas de acordo com a identificação já realizada no livro “Ubitatã, História e Memória”, o qual tem o interesse em contar a história do município.

Após essa primeira etapa, passamos à seleção de imagens que abrangesse nosso objeto de pesquisa e também nosso recorte temporal. As fotografias que compreendem a década de 1960 são imagens de estilo variado, dentre elas: mata serrada, abertura de estradas, primeiros moradores e construções. Surpreendemo-nos com a escassez de imagens que retratassem mulheres, pois dentre as 647 fotografias levantadas, elas aparecem em apenas 49 fotografias, percentual menor que 10% do total. E mais especificamente nas imagens produzidas na década de 1960 as mulheres são retratadas somente em 7 fotografias. Entretanto, não é a expressão numérica que nos impulsiona a investigar a presença, práticas e representações sociais de mulheres no processo de colonização e consolidação do município de Ubitatã, o que nos instiga são os elementos, sinais, traços e indícios significativos da presença feminina naquele contexto.



No segundo momento – este ainda em desenvolvimento - procedemos à análise das imagens (elementos explícitos e implícitos); enfoque fotográfico; temas aparentemente construídos; ênfase na postura dos sujeitos fotografados e ainda, possíveis significados e interpretações. Além disso, nos atentamos também para a percepção das práticas femininas retratadas nas fotografias, bem como suas representações sociais construídas e registradas naquele cenário.

Um dos pontos que nos chamou a atenção nessas fases relatadas é que constatamos em algumas fotografias de mulheres na década de 1960, imagens que nos remetem à participação ativa no processo de colonização da cidade e também de consolidação do município, embora haja uma escassez numérica de fotografias em que elas foram registradas. Através da seleção e catalogação das imagens, isto é, contextualização e descrição do cenário notamos que as mulheres aparecem registradas em vários espaços sociais (festas, eventos políticos, campanhas eleitorais, área educacional, área religiosa, mercado de trabalho, trabalhos informais, entre outros). Constatamos ainda que as mulheres são retratadas de formas diversificadas.

Em alguns registros elas aparecem acompanhadas por seus maridos, muitos deles homens da política; em outras imagens identificamos Irmãs de ordens religiosas; em outras fotografias percebemos a presença de mulheres que já saíam do espaço doméstico, do lar, e começavam inserir-se na sociedade como profissionais. Um exemplo disso são fotografias de professoras e de concursos de beleza. Nosso material demonstra que a realidade social das mulheres daquela sociedade se assemelha a de muitas outras, em lugares diferentes, para o mesmo período.

A análise imagética segue uma linearidade, uma identificação de evidências, pois como afirma Boris Kossoy (2001, p.44), “O fragmento selecionado do real, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na bi dimensão da superfície sensível”. Nesse sentido, a imagem se constitui em um elemento importante para entender a atuação feminina, práticas e representações sociais, pois a fotografia registra as conquistas das mulheres e sua participação social, mas por outro lado mostra também como elas foram vistas e retratadas por aquela sociedade.

Ainda segundo Kossoy,

Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho. (2001,p. 50).

Como já mencionamos, a década de 1960 apresentou importantes mudanças tanto em nível nacional, quanto em nível estadual. No que se refere à esfera política do município de Ubitatã, tivemos no ano de 1961, as disputas eleitorais para a prefeitura do município.

Esse fato nos revela algo muito interessante na percepção das práticas e das representações sociais femininas, pois na campanha política do candidato a prefeito Alberoni Bittencourt, identificamos a participação efetiva das mulheres como cabos eleitorais, mediante o registro fotográfico, e por outro lado, percebemos como as mulheres foram utilizadas na campanha eleitoral servindo de suporte para a exposição dos panfletos de propaganda, os chamados santinhos, no corpo feminino. Mulheres que expunham sua imagem em praça pública servindo de cabide eleitoral para os santinhos do candidato.

Fotografia 1: Mulheres como cabide para panfletos eleitorais



Fonte: Obra: Ubiratã, História e Memória – p.148.

A fotografia 1 revela duas mulheres, entre elas conseguimos identificar Izailda Kabroski, à direita da foto, com cabelos longos, essa que segundo relato da família, foi ganhadora de diversos concursos de beleza do município, em que suas vestimentas serviam de suporte para panfletos eleitorais. As mulheres também portavam faixas com o nome do candidato, que se tornou prefeito naquele pleito, sendo sua gestão entres os anos de 1961 a 1965. Mas, é preciso enxergar além das imagens e buscar compreender os significados da presença das mulheres nas ruas, da exposição feminina nos pleitos eleitorais como se estivessem num desfile de beleza ao portarem faixas e vestes que remetiam aos candidatos. Estavam essas mulheres apenas desenvolvendo um trabalho informal em troca do pagamento de sua jornada de trabalho? Ou quais outras simbologias e representações sociais essa imagem denota acerca das mulheres?

Podemos constatar que a fotografia acima não demonstra apenas a inserção feminina na sociedade, nas atividades informais, e também sua atuação na vida urbana, pública e política, mas nos leva a refletir sobre as representações sociais acerca das mulheres, ou seja, não somente quais papéis elas desempenhavam na sociedade ubirataense, mas também como elas foram vistas e retratadas naquele contexto social e político. Será que o fato de estarem ali expondo corporalmente panfletos eleitorais nas ruas



fazia delas sujeitos ativos, partícipes da história? Ou mais uma vez expressam as relações de poder impostas sobre elas, como a opressão, a valorização apenas como objeto, como seres sem voz e sem vez na sociedade? Ou ainda, a presença e disposição dos corpos femininos em ruas e praças, a aceitação de serem cabides, suportes para propaganda eleitoral, pode ser representada como uma forma de linguagem corporal, ou seja, estariam elas falando com seus corpos, demarcando espaço na sociedade? Que representações sociais teriam essas mulheres? Eis aí alguns dos pontos que estamos pesquisando.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a pesquisa realizada no decorrer desta experiência de Iniciação Científica tem nos permitido perceber práticas e representações sociais acerca das mulheres no processo de colonização e consolidação do município de Ubiratã na década de 1960. Através da análise imagética, nesse caso as fotografias de mulheres, verificamos a presença feminina tanto na esfera privada quanto na esfera pública, atuando na vida política, religiosa, educacional e também no mercado de trabalho em trabalhos formais ou informais.

Além disso, cabe ressaltar que tais discussões tem propiciado revelar um pouco da história do município e da ação das mulheres no contexto estudado, contribuindo para preencher lacunas, pois ainda é uma temática que requer maior atenção, especificamente no que tange à participação feminina analisada a partir de fotografias do acervo municipal.

Enfim, esperamos que nossa pesquisa em desenvolvimento contribua para uma visão mais ampliada das práticas e representações femininas registrada em fotografias de determinada época. E que outros estudos possam ser realizados posteriormente para ampliação e aprofundamento das questões tratadas neste artigo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia. Olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade/Educ, 2002.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. SP: EDUSC, 2004.

CALADO, Isabel. **A utilização educativa das imagens**. Portugal: Porto, 1994.



CARDOSO, Ciro F.S. Iconografia e História. **Resgate — Revista interdisciplinar de cultura** (Campinas), v.1, pp.9-17, 1990.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História –** Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. & LIMA, Solange Ferraz de. Fotografia e História: ensaio bibliográfico. **Anais do Museu Paulista**. História e Cultura Material (São Paulo), v.2, n.2, jan.-dez., pp. 253-300, 1994.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**, (4) 1995, p. 37-47.

_____ (Org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, (16) 2001, p 13-30.

DUBOIS, François. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1994, p. 227.

ECKERT, Cornélia & MONTE-MOR, Patrícia. (Orgs.). **Imagem em foco**. Novas perspectivas em Antropologia. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal de Porto Alegre, 1999.

FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE, Miriam L. Moreira. (Orgs.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papyrus, 1998.

FREEDBERG, David. **The power of images**. Studies in the history and theory of response. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

FREITAS, José Vicente de. Métodos Alternativos no Ensino de História: o Cinema, a Arte Plástica e a Literatura. **Revista de Pós Graduação em História**. Assis: Unesp, 1993, p. 81-88.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da História**. Novas perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 1992, pp. 237-72.

GROSSI, Miriam et. al. Entrevista com Joan Wallech Scott. **Revista Estudos Feministas**. Vol.6, nº 1/98. IFCS/UFRJ, p.114-25.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo, Brasiliense, 1981.



JEHEL, Pierre-Jerôme. Fotografia e antropologia na França no século 19. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, v.6, n.1, pp.123-127, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. (Orgs.). **História. Novos problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3 vs., 1976, edição original de 1974.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1990.

MARTINS, Ana Paula Vosne. O caso Naná: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 157-174, 2001. Editora da UFPR.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP, Edusc, 2000.

_____. Outras histórias: as mulheres e os estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo, Educ, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. V. 23. N. 45. SP. Jul. 2003, p. 11-36.

NEIVA, Eduardo. Imagem, História e Semiótica. **Anais do Museu Paulista**. História e Cultura Material (São Paulo), n.1, pp.11-29.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, N.1, p.77-98, 2005.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

_____. **Une Histoire Des Femmes est- ellepossible?** Paris: Rivage, 1984.

PINNEY, Christopher. A história paralela da antropologia e da fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, v.2, 1996, p.29-52.



RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu** (11), 1998, p. 89-98.

_____. Epistemologia feminista, gênero e história. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (Orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis, Vozes, 1976.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOHET, Raquel e MATOS, M. Izilda S. de. **Gênero em Debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo, Educ, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol.16, n. 2, 1990.

_____. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**. Trad. Magda Lopes. São Paulo, Edunesp, 1992.

SPERANÇA, Regina; CARVALHO, Selene Cotrim R. de. **Ubiratã**: história e memória. 1ª ed. Ubiratã: Edições do Autor, 2008.

SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas. In: MATOS, Maria Izilda S; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

SORLIN, Pierre. Enganosas e indispensáveis, as imagens, testemunhas da História. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.13, 1994, p. 81-95.

STEARNS, Peter N. **História das Relações de Gênero**. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo, Editora Contexto, 2007.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na História**. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século 20. São Paulo: Ática, 1997.